
A comunicação enquanto semiogênese: do díspar ao signo em Simondon e Deleuze¹

André Corrêa da Silva de ARAUJO²

Demétrio ROCHA PEREIRA³

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO: O presente artigo articula o pensamento de Simondon ao de Deleuze, especialmente naquilo que concerne à concepção desses autores acerca da comunicação e do signo. A primeira série apresenta as bases da teoria simondoniana da individuação e da transdução - em nossa visão, essencialmente comunicativas - de forma a investigar de que forma tal ontogênese poderia vir a se constituir também como uma semiogênese. A segunda série, partindo de Deleuze, visa investigar de que forma o signo, paradoxalmente produtor e produto do processo de individuação, se constitui como um elemento capaz de produzir encontros entre divergentes num processo comunicacional que tem por base a figura do conflito e do díspar. Assim, nos aproximamos de uma concepção de comunicação semiótica cujos contornos não se reduzem a qualquer forma subjetiva, mas sim divergências perspectivistas e transindividuais.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; semiótica; semiogênese; Deleuze; Simondon

1. Introdução

Não é mais o idêntico que muda, que desvia sobre a forma estável do si-mesmo. Não é mais o equilíbrio que tropeça para descobrir alguma assimetria. Na segunda metade do século passado, a diferença vem afirmar o seu lugar irreduzível no começo do mundo, dissolvendo a ideia mesma de um começo ou de um ente primeiro, e mesmo a imagem de Deus será cindida internamente por uma dupla-pinça. O que há com o signo quando ele aparece, então, já de saída, nascido da disparidade?

Neste artigo, buscamos recuperar o modo como Gilbert Simondon e Gilles Deleuze promovem uma compreensão da comunicação e do signo desde um campo pré-individual heterogêneo e conflitante. Enquanto Simondon trabalha expressamente como pensador da comunicação, Deleuze constrói uma obra filosófica profundamente marcada, como aqui defendemos, por um pensamento comunicacional que acha ressonância com a abordagem simandoneana, complexificando-a na direção de uma semiótica que o próprio autor não cessa de declarar.

Em que termos se dá o diálogo entre Simondon e Deleuze? Qual é a particularidade desse conceito de comunicação que atravessa a obra de ambos? Que semiótica é essa?

¹ Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando em Comunicação e Informação pelo PPGCOM/UFRGS, e-mail: andreसारaujo@gmail.com.

³ Doutorando em Comunicação e Informação pelo PPGCOM/UFRGS, e-mail: demetrio.pereira@gmail.com.

2. Simondon: da ontogênese à semiogênese

A exígua oferta de publicações dá testemunho da condição de bastidor em que ainda se mantém a bibliografia de Simondon, que em vida viu lançadas apenas três obras suas: *Du mode d'existence des objets techniques*, tese complementar publicada em 1958; e a sua tese principal de doutoramento, dividida em duas partes: *L'individu et sa genèse physico-biologique*, que ganhou edição em 1964, e *L'individuation psychique et collective*, que sairia somente em 1989, ano de sua morte. Defendidos em 1958, esses textos, ainda inéditos em português, só começaram a receber tradução para o inglês nos anos 1980. O volume que consultamos e que enfim reúne ambas as partes da tese principal de Simondon seria publicado pela primeira vez somente em 2005, sob o título *L'individuation à la lumière des notions de forme et d'information* (“A individuação à luz das noções de forma e de informação”).

Menos do que pela discussão sobre a técnica, que ainda hoje mobiliza a maior parte do interesse por sua obra, foi por sua tese principal sobre a individuação que Simondon deixaria rastros evidentes nas páginas de Gilles Deleuze, desde *Diferença e Repetição* até a escrita conjunta com Félix Guattari. Isso porque, naquele seu trabalho, Simondon (2013) insiste na necessidade de uma concepção ontogenética acerca dos indivíduos, termo que ele toma em sentido lato, designando qualquer unidade consistente, seja um grão de areia, seja um grupamento social. Optando por se desfazer tanto do atomismo quanto do hilemorfismo aristotélico, comprometidos ambos com a crença em uma substância original estável, Simondon invoca um vocabulário específico para descrever a vida de sistemas *metaestáveis* – assim que lhe importará examinar menos o indivíduo constituído do que o processo de *individuação*.

Só se poderia falar em indivíduo (e, veremos adiante, também em signo) enquanto resultado transitório de uma constante negociação da existência. É como se o pensamento substancialista desejasse uma fotografia das coisas já prontas, retirando-as de sua vida relacional e aleijando-as das tendências (ou dos *devires*) que a todo momento redesenham as suas fronteiras. A imagem do indivíduo, no que aspira ao não-problemático, toma o ser em sua não-relacionalidade: isolado no espaço e eternizado no tempo, resta-lhe um caráter de sistema em estado de morte, de efetiva inexistência. O simondonismo, por contraste, irá destacar que “é a relação o que dá consistência ao ser e que todo indivíduo físico⁴ adquire a sua consistência, quer

4 Embora Combes aqui circunscreva ao físico as noções de indivíduo e consistência, o primado da relação contempla o processo de individuação enquanto tal, desde a cristalização do não-vivo até a comunicação de subconsciências no regime psicossocial.

dizer, a sua realidade, por sua atividade relacional”⁵ (COMBES, 2007, p. 48, tradução nossa). Será preciso evitar, porém, derivar a existência da relação da preexistência necessária de duas unidades já constituídas. Liberada desse cativeiro entre-dois, a relação passa a dizer a não-identidade do ser, e esse *ser-diferente-de-si* está por tudo. Indivíduo vivo, guardo uma defasagem permanente em relação à minha carga de realidade pré-individual, condição para a minha marcha de individuação em individuação e garantia do meu caráter irredutivelmente associativo: *indivíduo-meio* ou *indivíduo-ambiente* [*individu-milieu*].

Essa primazia da relação em Simondon dá ensejo a um emprego muito particular de termos como “informação”, que aparece mais de 400 vezes em sua tese principal, “comunicação” e “mediação”, que ali computam quase 100 ocorrências cada uma. Útil à teoria da individuação, esse vocabulário não é recrutado sem que Simondon precise questionar a validade do esquema transmissivo: “informação” já não designará o conteúdo codificado de uma mensagem, mas antes o arranjo para onde se encaminha uma tensão entre disparidades, obra de diferentes ordens de grandeza que reclamaram resolução. Um território assim se (in)forma na medida em que resolve tensões. A informação diz o sentido da individuação, provoca a marcha do devir. Haveria, entretanto, como compreender esse fenômeno em sua operação mais básica, captar, por assim dizer, uma microfísica do processo informativo? Simondon responde sugerindo que, em vez de transmissivo, o modo de ser da informação é *transdutivo*.

Operação estranha ao modelo hilemórfico, que fazia impor uma forma sobre uma matéria passiva (ou uma mensagem sobre um receptor), a transdução retira uma estrutura resolutive a partir das tensões de um domínio, que “cristaliza” em virtude de seus potenciais inerentes. A forma não virá estrangeira – será antes um desdobrar de si –, e a matéria não aguardará inerte – será sistema dinâmico, porque perpetuamente defasado de si mesmo.

Um cristal cresce e se espalha em todas as direções: imagem mais simples da operação transdutiva, que trabalha por propagação de ponto a ponto, rascunhando uma estrutura reticular irradiante: “Entendemos por transdução uma operação física, biológica, mental, social, pela qual uma atividade se propaga passo a passo no interior de um domínio, fundando tal propagação em uma estruturação do domínio operado de local em local”⁶ (SIMONDON, 2013, p. 32).

Duas características da transdução ficam aí evidentes. Em primeiro lugar, a transdução

5 No original: “*que es la relación la que da consistencia al ser y que todo individuo físico adquiere su consistencia, es decir su realidad, por su actividad relacional*”.

6 No original: “*Nous entendons par transduction une opération, physique, biologique, mentale, sociale, par laquelle une activité se propage de proche en proche à l'intérieur d'un domaine, en fondant cette propagation sur une structuration du domaine opérée de place en place.*”

concretiza a individuação em todos os domínios do ser, desde os fenômenos atômicos até a constituição de sistemas psicossociais; em segundo lugar, a transdução descreve uma operação topológica, ou seja, ela avança por contato, por proximidade, acrescenta-se por vizinhança. Finalmente, esse movimento territorializante aparece como um derramamento multidirecional que vai renovando os seus limites em uma propagação potencialmente ilimitada, porém sempre entrando em jogo com singularidades reais que particularizam cada indivíduo. Assim, a mais ínfima variação local repercute indefinidamente como gesto formativo. Disso gostaríamos de extrair mais duas conclusões sobre a individuação: 1) trata-se de um esforço hipersensível; e 2) a “agência” de um processo informativo é difusa, distribuída em uma rede complexa e impessoal de complexos indivíduo-ambiente cujo comunicar responde a uma dinâmica de encontros contaminatórios.

Tomado em sua acepção individuante, o contágio se aproxima da ideia de afecção, imprimindo-se na topologia dos corpos, o que torna necessário desfazer a relação opositiva entre o contágio e a boa saúde. Estendendo essa intuição até onde ela deve ir, desalenta-se a ideia de uma Natureza original como fundo estático e normativo por sobre o qual se operariam desvios artificiais. Simondon destaca que a singularidade não é um “acidente”, mas um elemento constitutivo do indivíduo. Além disso, o contágio informativo não é jamais uma imposição unilateral, mas o desdobramento de potenciais latentes em um sistema. No exemplo preferido de Simondon (2013), trata-se de observar como um germe estrutural captura uma energia potencial já contida em uma solução líquida “amorfa” para, aí sim, disparar um processo de cristalização. É importante notar que Simondon não supõe um líquido puramente amorfo, uma vez que, em seu caráter contínuo, ele seria desprovido de potenciais, ou seja, não forneceria condições para o trabalho in-formativo do germe estrutural. O estado amorfo designa antes um estado desordenado, desprovido de direções privilegiadas, de certa forma comparável à “nebulosa onde nada está necessariamente delimitado” referida por Saussure (2006, p. 130) ao tratar do pensamento “antes do aparecimento da língua”.

Em nenhum caso Simondon dá guarida para oposições absolutas entre contínuo e descontínuo, matéria e energia, estrutura e operação. O autor repreende expressamente que se busque na “presença ou ausência *absoluta* de uma estrutura” (2013a, p. 87, grifo nosso) a diferença entre o germe e o meio amorfo, discerníveis antes pela presença de uma estrutura atual, no caso da singularidade informativa, ou pela latência de uma estrutura virtual, no caso do líquido “amorfo”.

A ação essencial desse germe cristalino é fazer com que cada nova camada de matéria estruturada (contagiada) se torne estruturante (contagante): a singularidade assim se prolifera de ponto a ponto, por propagação transdutiva, reassumindo a cada passo uma função informativa em relação à sua vizinhança imediata de matéria desordenada. Consequência desse avanço é que o indivíduo seja, a um só tempo, limitado e potencialmente sem fim. Não há como situar o germe cristalino em um ponto único e estável: o germe é o próprio limite ativo com que o indivíduo irradia, em deslocamento potencialmente perpétuo. A individuação é mesmo a prática e a plástica desse limite, dessa fronteira viva porque relacional.

Uma assimetria primeva é, assim, gatilho da individuação. Um ser totalmente simétrico, em relação a si mesmo e aos demais seres com os quais faz limite, seria “neutro e sem propriedades” (2013, p. 90). A periodicidade do meio cristalino, ou a sua capacidade indefinida de crescimento, se alimenta dessa relação assimétrica nas bordas do indivíduo, nos hifens de cada indivíduo-meio. Quando, nos anos 1980, Deleuze e Guattari se põem a trabalhar o conceito de ritornelo, será servindo-se desses termos simondonianos e insinuando, adicionalmente, uma abordagem *essencialmente* comunicacional acerca da transdução:

Cada meio é codificado, definindo-se um código pela repetição periódica; mas cada código é um estado perpétuo de transcodificação ou de transdução. [...] A transcodificação ou transdução é a maneira pela qual um meio serve de base para um outro ou, ao contrário, se estabelece sobre um outro, se dissipa ou se constitui no outro. [...] [Os meios são] essencialmente comunicantes. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 125)

Um meio organizado se impõe sobre um meio menos organizado, propaga ali certos contornos, leis, imagens de mundo... Por certo que não somos líquido desordenado à mercê de um germe cristalino. Mas é que o ser vivo, individuação perpétua e fadada ao inacabamento, é assim como um cristal sempre nascente. Sem estancar o seu automovimento expansivo, o vivente leva consigo uma carga de realidade pré-individual irresolvida, fonte da constância ativa que é a vida. Um indivíduo então se constrói como efeito de comunicação: pois ele provê um “meio amorfo”, pleno de potenciais, para a ação estruturante das singularidades que lhe particularizam, que definem a sua topologia de bicho histórico. Mas o indivíduo, ele mesmo agente comunicativo, também constrói outros indivíduos: pois se oferece como singularidade estruturante em relação a outros sistemas, dos quais se torna uma condição de devir.

O que se transmite aí não são bem *mensagens*, mas, muito mais direta e violentamente, *estruturações*. Não se trata de traçar uma seta idealmente imaterial de um remetente para um destinatário, mas de acompanhar a complexidade de uma rede de contágios in-formativos. O

pensamento de Simondon fornece meios para tomar essa rede menos pelo que nela está dado do que pelas linhas de força que a trabalham. Não se poderá conceber, assim, um indivíduo isolado – o indivíduo vive do seu meio associado, do qual é uma expressão resolutiva, do qual é mesmo um *signo*. Em Simondon, “significação” dá nome ao processo de integrar disparidades em um sistema de nova dimensão. O exemplo empregado, desta vez, é a visão binocular, que produz a tridimensionalidade como sistema “superior” capaz de integrar as disparidades entre os registros bidimensionais do olho esquerdo e do olho direito. Todo o esquema perceptivo resulta de uma sobreposição de perspectivas conflitantes: de saída, o mundo não coincide consigo mesmo, e os universos perceptivos são incoerentes entre si. Um “objeto” só aparece como resolução integradora de uma pluralidade de pontos de vista inicialmente incompatíveis. Dito de outro modo, a percepção é já signo de um trabalho de individuação.

Em seu requerimento ideal de igualdade prévia entre emissor e receptor, a teoria cibernética da informação passaria ao largo do problema da significação. A diferença se torna ruído indesejado, não há transformação estrutural de lado a lado, e o sinal emitido coincide perfeitamente com um programa de recepção que, caso se quisesse, poderia ter sido utilizado como emissor. Tudo se passa como se o sinal já estivesse contido, desde sempre, de um lado e de outro. A significação, por sua vez, depende de uma disparidade mínima, embora seja impossível em casos de disparidade máxima. Disparidade nula rende informação nula, ausência de transformação. Com o aumento da disparidade, aumenta a informação, mas até um horizonte além do qual a informação será, outra vez, nula. Não há contradição entre esta definição (que trata daquilo que, de um sinal extrínseco, é integrado ao funcionamento intrínseco de um “receptor”) e aquela definição anterior de informação como singularidade ou germe estruturante. Lá e cá, a informação designa uma difusão estruturante ancorada em um ato de significação. Mesmo a língua não será compreendida essencialmente como aquela que permite significar, mas antes como o resultado de significações que forneceram as condições para que ela aparecesse e funcionasse. A significação é um fenômeno de linguagem desde que estejamos falando de uma linguagem cuja manifestação idiomática é apenas uma entre outras possíveis.

Se uma significação inventiva precede a estruturação, mais motivos para que um sistema vivo não seja vítima indefesa diante das singularidades nas quais esbarra – ele é cocriador ativo das soluções de seus enfrentamentos. A significação aponta para um poder impessoal de autoconstituição de indivíduos-meio. Os lugares do “eu” e do “outro” aí se complexificam, pois toda relação é simultaneamente exterior e interior ao indivíduo: “a significação não é do ser, mas

entre os seres, ou ainda através dos seres: ela é transindividual”⁷ (SIMONDON, 2013, p. 298).

3. Deleuze: comunicação, signo e violência

“É a noção de signo que sempre me interessou”, afirma Deleuze (2013, p. 87) em 1986. É uma citação importante, também levando em conta o quão tardia aparece em sua carreira, quase como uma reflexão acerca de seus trabalhos. Em seu segundo livro, *Nietzsche e a Filosofia* (1976), Deleuze já afirmava: “Um fenômeno não é uma aparência, nem mesmo uma aparição, mas um signo, um sintoma que encontra seu sentido numa força atual. A filosofia inteira é uma sintomatologia, uma semiologia. As ciências são um sistema sintomatológico e semiológico.” (1976, p.3). Ainda que Deleuze não tenha dedicado um livro a uma teoria do signo, tal conceito é fundamental e atravessa sua obra desde o princípio até seus momentos derradeiros. Seguindo os passos acima explorados a partir da obra de Simondon, propomos aqui que o signo para Deleuze, além de ser um conceito capaz de articular grande parte de seu pensamento, também possui uma espécie de gênese comunicacional. Quando Deleuze fala de “comunicação”, especialmente em suas obras dos anos 1960, esse conceito sempre vem vinculado à noção de signo: é o signo que propicia a comunicação, e a comunicação é justamente o modo como se produzem os encontros entre os divergentes, sendo o signo o seu resultado. Como confirma Sales,

Situando-se no prosaetrio do pensamento deleuziano, o conceito de signo é o que, forçando-nos a pensar, irá nos retirar da reconhecimento para nos lançar rumo ao *encontro*. Distante do senso comum e harmonioso entre as faculdades, o tópicoo da violência poderá retornar e, quem sabe, uma outra noção de comunicação – num sentido agora positivo – possa surgir. (2016, p.181)

Para Deleuze, é a comunicação entre séries divergentes a responsável pela própria instauração do mundo e da realidade. O par virtual-atual, de inspiração bergsoniana, só vem a ser no processo de individuação a partir de uma comunicação entre séries heterogêneas. Vemos aqui que a própria constituição ontológica do mundo tem, por fundo, um processo comunicacional. Podemos ver como isso se opera ao analisar o que Deleuze, inspirado pela obra de Simondon, chama de processo de individuação. Assim como em Simondon, Deleuze aborda o processo de individuação pela via comunicacional, onde as multiplicidades de relações virtuais heterogêneas se “unem” de forma a produzir os indivíduos, que Deleuze trata como “dinamismos espaço-temporais”. É importante deixar claro aqui, que quando Deleuze fala de comunicação, ele a entende nos termos propostos por Simondon. A influência do vocabulário e da lógica simondoniana aqui são determinantes para compreender o

⁷ No original: “la signification n'est pas de l'être mais entre les êtres, ou plutôt à travers les êtres: elle est transindividuelle.”

processo que une signo e comunicação em Deleuze, como deixa claro Anne Sauvagnargues (2009) quando afirma que “et lorsque Deleuze reprend le terme de communication, c'est toujours dans le sens simondien” (2009, p.277). Nas palavras de Deleuze,

Esses dinamismos supõem sempre um campo no qual eles se produzem, fora do qual eles não se produziram. Esse campo é intensivo, isto é, implica uma distribuição em profundidade de diferenças de intensidade. Ainda que a experiência nos coloque sempre na presença de intensidades já desenvolvidas em extensos, já recobertas por qualidades, devemos conceber, precisamente como condição da experiência, intensidades puras envolvidas numa profundidade, num spatium intensivo que preexiste a toda qualidade assim como a todo extenso. (...) Tal campo intensivo constitui o meio de individuação. (2006, p.132)

Deleuze afirma que há um campo de intensidades, diferenças, séries heterogêneas que coexiste com o atualizado, com as intensidades já desenvolvidas em extensos. Esse campo, esse spatium, é o virtual que se atualiza através de um processo de individuação, que torna as multiplicidades intensivas em dinamismos extensos. Em termos de Simondon, trata-se do campo problemático, pré-individual e metaestável. A questão central para a individuação é que tal campo é povoado por distâncias que precisam entrar em alguma espécie de conjunção. Para Deleuze, é preciso que tais intensidades se comuniquem, como deixa claro nessa passagem:

Sendo a intensidade diferença, é preciso ainda que as diferenças de intensidade entrem em comunicação. É preciso como que um ‘diferenciador’ da diferença, que reporta o diferente ao diferente. Cabe esse papel ao que denominamos precursor sombrio. O raio fulgura entre intensidades diferentes mas é precedido por um precursor sombrio, invisível, insensível, que de antemão lhe determina o caminho invertido e escavado, porque o precursor é, primeiramente, *o agente de comunicação dessas séries de diferenças*. Se é verdade que todo sistema é um campo intensivo de individuação construído sobre séries heterogêneas ou diparatadas, a comunicação das séries, levada a cabo sob a ação do precursor sombrio, induz fenômenos de acoplamento entre as séries, de ressonância interna no sistema, de movimento forçado sob a forma de uma amplitude que transborda as próprias séries de base. (2006, p.132-133, grifo nosso)

Aqui vemos como claramente há algo de comunicante no processo de individuação, fundamental na ontologia de Deleuze emprestada de Simondon. É preciso que as séries de diferenças se comuniquem; e é a partir dessa comunicação que os dinamismos espaço-temporais ou as coisas surgem e aparecem no espaço atual. Reconhecemos na experiência as coisas já como extensos, mas elas não são mais que o resultado da comunicação entre multiplicidades. Deleuze afirma também que é preciso que haja um elemento, um agente para que tal comunicação ocorra. A esse agente ele dá o nome de precursor sombrio, a figura central para a comunicação em Deleuze, o elemento paradoxal que percorre as séries heterogêneas e as faz comunicar resultando no processo de individuação: “todo sistema contém seu precursor sombrio, que assegura a comunicação das séries que o bordam.” (2009, p. 54)

O precursor sombrio é esse agente que garante a comunicação entre as séries

heterogêneas. É o precursor sombrio que é capaz de aproximar as divergências, não para suprimi-las em nome de uma identidade, mas sim para uni-las através da separação. O modo como as diferenças se articulam umas nas outras, mantendo seu caráter diferencial, é através de um termo, um elemento paradoxal capaz de aplacar temporariamente a sua disparidade fundamental ao mesmo tempo em que a preserva, apenas aguardando uma nova conexão para fazê-la variar mais uma vez. É a essa instância profundamente paradoxal que Deleuze caracteriza como comunicação em *Diferença e Repetição* (2009), a operação divergente realizada pelo precursor sombrio: “Basta o precursor sombrio, que faz com que o diferente como tal se comunique e o faz comunicar-se com a diferença: o sombrio precursor não é um amigo” (DELEUZE, 2009, p.240).

É da operação da comunicação ser ao mesmo tempo paradoxal e pragmática em um sentido acontecimental: é a partir da comunicação através do precursor sombrio que se produzem encontros, que se geram acordos temporários entre divergências, que faz acontecer um determinado sentido. Não há um termo exterior a partir do qual haveria uma identidade sobre o modo como distintas interpretações se atravessam e se atualizam. É que elas se comunicam, se produzem pelo encontro comunicacional. Nesse sentido, Sales afirma que

esses objetos estão dispersos pelo mundo, encarnados nas formas mais variadas de acordo como nós os constituímos, e nossa relação com eles tece o mundo que nos tece. O precursor sombrio funciona como uma espécie de disparador, de gerador de sentido. Ele é a força, é a intensidade que ensaja o campo de individuação. (2016, p.231)

Ora, não parece que esse termo, acoplado diretamente à operação da comunicação, remete ao modo como vínhamos tratado de signo mais acima? Há um paralelismo entre esse conceito fugidio de precursor sombrio e o conceito de signo, especialmente levando em conta seu caráter diferencial e de exterioridade. O precursor sombrio vem de um fora que nos força a pensar, que estabelece o sentido. Ele não é um amigo, como diz Deleuze, mas sim uma violência, um choque que visa desestabilizar os territórios de significação pelo encontro com o heterogêneo. Inclusive, Deleuze irá tratar esses sistemas específicos de individuação como sistemas sinal-signo. Para ele, todo indivíduo, todo fenômeno, toda coisa, pode ser constituído como tal sistema: “Os indivíduos são sistemas sinal-signo. Toda individualidade é intensiva: logo, cascadeante, represante, comunicante; compreendendo e afirmando em si a diferença nas intensidades que a constituem” (DELEUZE, 2009, p. 87). É preciso que as ordens disparatadas e as séries heterogêneas entrem em comunicação para que um fenômeno ocorra, sendo tal fenômeno um signo, efeito dessa mesma comunicação. Em *Lógica do Sentido*, Deleuze retoma essa mesma fórmula:

Tais sistemas, constituídos pela colocação em comunicação de elementos díspares ou de séries heterogêneas, são bastante ordinários em um sentido. São sistemas sinal-signo. O sinal é uma estrutura em que se repartem diferenças de potencial e que assegura a comunicação dos díspares. O signo é o que fulgura entre os dois níveis da orla, entre as duas séries comunicantes. Parece realmente que todos os fenômenos respondem a estas condições na medida em que encontram sua razão em uma dissimetria, em uma diferença, uma desigualdade constitutivas: todos os sistemas físicos são sinais, todas as qualidades são signos. (2011, p. 135)

O signo aqui aparece como aquilo que se dá entre séries comunicantes. Entretanto, o signo é também aquele elemento que carrega em si essa disparidade ou discordância produtora, sendo ele agente também de novas comunicações:

chamamos "signo" aquilo que se passa num tal sistema, o que fulgura no intervalo, qual uma comunicação que se estabelece entre os disparates. O signo é um efeito, mas o efeito tem dois aspectos: um pelo qual, enquanto signo, ele exprime a dissimetria produtora; o outro, pelo qual ele tende a anulá-la. (2009, p.28)

Vemos aqui que o signo é o que assegura a comunicação, ainda que seu caráter seja curioso: é justamente naquilo que é disparatado, diferente, dissimétrico que ocorre a comunicação. Ao mesmo tempo em que exprime essa dissimetria constitutiva, ele também é o que tende a anulá-la. Se há o precursor sombrio, essa instância nebulosa de ponto de encontro entre séries divergentes, entre o par atual-virtual, ele só pode ser expresso por esse “efeito” signo: o signo carrega, ao mesmo tempo, o conflito fundador do encontro entre os divergentes, das forças em disputa que lhe dão origem, e também uma espécie de pacificação temporária, uma consistência material e paradoxal. Ecoando Gabriel Tarde, uma das maiores inspirações para Diferença e Repetição, poderíamos dizer que o processo da comunicação garantido pelo signo é “o traçado de uma fronteira após uma guerra, o resultado momentâneo de um tratado de paz” (2007. p. 147). A individuação – ou seja, o acontecimento que faz com que as coisas venham a ser – é um processo comunicante. É pela relação entre os diferentes – processos, sistemas, sentidos, forças – que algo pode vir a se individuar, ainda que tal individuação esteja sempre a ponto de se refazer em uma *outra coisa*, dado o fato de que estamos sempre e invariavelmente abertos a um novo encontro violento com outro signo na semiose. Essa relação entre os diferentes, essa conexão entre o atualizado e sua potência virtual de vir a ser outra coisa (devir outro) a partir do contágio com uma exterioridade, é o que Deleuze irá tratar por comunicação, tendo o signo como elemento central e organizador. Como diz Sales,

O que há então é um choque entre forças, entre perspectivas distintas. Eis porque o signo nos envia ao que ele não é, nos envia à sua diferença: todo signo é signo de um outro, remete a um outro. Portanto, o pensamento, ao se deparar com um ponto de vista que inicialmente não é o dele, entra em novas articulações, se metamorfoseia, devem-outro, e pode passar a considerar a nova perspectiva. Constituir signo, fazer signo: tal é o processo em que precursores sombrios, intensidades, forças suscitam o trabalho do

pensamento, colocando diferenças em relação. (2016, p. 235)

O signo é aquilo que traz implicado em si um conjunto de relações pré-pessoais e pré-individuais. Isso significa que a sua própria constituição como unidade é temporária. Ele traz todo um conjunto de relações virtuais que, ao se conectarem a outras, podem fazê-lo devir outro através do encontro. Há uma vitalidade no signo justamente por trazer implicado em si essa dimensão da multiplicidade sempre ativa.

Do ponto de vista do sentido, o signo é uma implicação de relações cujo encontro pressupõe uma explicação. Explicar é desenvolver aquilo que havia de implicado no signo, e esse movimento pressupõe, de sua parte, uma nova implicação. O signo não se mantém único, é contaminado pelos pontos de vista que o explicam e vice-versa. Cada encontro produz esse movimento de descontração-contracção de relações, atualiza uma série de relações que estavam ali presentes como virtualidade e transformam os termos do processo. Isso quer dizer que não há jamais um sentido fundamental ou único de um signo: tudo é uma questão de perspectiva. Há, de saída, uma heterogeneidade fundamental no signo, pois ele está sempre em relação com um conjunto de elementos que lhe são distintos. Essa é a fórmula dos encontros: heterogeneidade, disjunção, efeito e produção. Entretanto, como Deleuze afirma, a disjunção ou a heterogeneidade não pressupõem uma distância intransponível. Muito pelo contrário, é a disjunção, o conflito, o diferente, o heterogêneo que incita os termos a se aproximarem e se diferenciarem mais uma vez. É uma concepção de comunicação onde a base do processo é o problemático: ali onde há uma agitação de divergências é onde a comunicação irá operar. Mas, de maneira engenhosa, não apenas é para aliviar tal conflito que a comunicação ocorre, mas para, ao mesmo tempo, recriar os termos e produzir ainda novos conflitos e divergências: “a divergência cessa de ser um princípio de exclusão, a disjunção cessa de ser um princípio de separação, o impossível é agora um meio de comunicação” (2011, p.236). A divergência e a disjunção como meios de comunicação são uma ideia fulgurante, que reorganiza toda uma imagem da comunicação entendida apenas como dispositivo para a resolução de conflitos.

Há uma divergência fundamental entre termos, onde sua aproximação momentânea faz com que se reorganizem. O encontro não é pausa; pelo contrário, é gatilho, reorganização. A comunicação entre divergentes não resolve nada; pelo contrário, é o dispositivo pelo qual os diferentes se retroalimentam para produzir ainda mais diferença. Como afirma Zourabichvili, em trecho fundamental para nossa compreensão da noção comunicante da obra de Deleuze,

Graças à própria heterogeneidade dos termos, religar é sempre pôr em comunicação uma parte e outra parte de uma distância. Um encontro efetivo não é certamente

fusional; é preciso toda uma ‘polidez’, uma arte das distâncias (nem muito perto nem muito longe). (...) A grande ideia é, portanto, essa: os pontos de vista não divergem sem implicar-se mutuamente, sem que cada um de venha o outro numa troca desigual que não equivale a uma permutação. (...) Um ponto de vista só se afirma ou devém sensível medindo a distância que o separa dos outros, indo ao extremo da distância, passando pelos outros pontos de vista. Se é verdade que um ponto de vista só se atualiza fazendo com que o outro passe, já que dois pontos de vista não podem coexistir atualmente, o processo não deixa de implicar coexistência virtual dos pontos de vista, seu mútuo envolvimento e retomada mútua - ‘ponto de vista sobre o ponto de vista’ nos dois sentidos. (2016. p.133)

Ponto de vista sobre ponto de vista, relação de relações, diferença entre diferenças: vamos aos poucos notando de que forma funciona a comunicação em Deleuze, como um dispositivo produtivo sempre em segundo grau, possibilitado por encontros intensivos entre multiplicidades. O signo, nesse processo, é aquilo que ao mesmo tempo carrega as marcas de um encontro e dispara tal processo, objeto do encontro e termo que o possibilita, efeito e gatilho “Em suma, algo se torna signo quando traz implicado em si uma diferença que transcende as possibilidades familiares de significação do objeto ou fato observado” (NASCIMENTO, 2014, p.27). O signo traz o rastro de sua constituição: a comunicação de diferenças. Isso faz com que outro elemento da relação acesse essa mesma multiplicidade a partir do encontro, mantendo a diferença entre os pontos de vista.

Ou seja, não há apenas um conflito elaborado a partir desse encontro violento com o signo, mas também os conflitos que subjazem à própria formação do signo em primeiro lugar. O signo, nessa perspectiva, é sempre o resultado temporário de um arranjo de forças e relações conflituosas, violentas, que lhe deram origem pois, assim como o pensamento, o processo da semiose ou produção sígnica também é vinculado a esse encontro, a esses acoplamentos entre os divergentes. Deleuze vai trabalhar o “díspar” enquanto conceito vinculado ao de signo. De tradução muito complicada para o português, tal conceito se refere ao mesmo tempo a uma disparidade de termos, uma divergência ou discordância, mas também a um elemento de disparo, de gatilho. O signo é, nas palavras de Nascimento,

essa *disparação* na qual os heterogêneos se comunicam afirmando sua diferença, sua irreduzibilidade de um ao outro. (...) A *disparação* como ação intensiva afirmadora da diferença é chamada por Deleuze de “díspar”. Os elementos envolvidos nessa ação têm recebido, ao longo da obra deleuziana, diferentes nomes de acordo com o problema em pauta: díspares, singularidades, objetos parciais, intensidades. Tais elementos, por sua vez, também se afirmam como diferenças, posto que implicam em si mesmos essa paradoxal síntese de heterogêneos operada pela ação do díspar. (2014, p.34)

O signo é a instância que emerge da comunicação de heterogêneos, ao mesmo tempo em que a produz. O díspar age de forma a produzir uma “paradoxal síntese de heterogêneos”. O signo aqui tem valor pragmático e comunicante, entendido como elemento fundamental do

processo de produção de mundo. Mas nota-se que comunicação e pragmática funcionam não apenas para apaziguar, mas como formas de produzir sínteses disjuntivas entre heterogêneos. Nas palavras de Nascimento, “as relações ensejam fluxos diferenciais, os quais têm como ‘unidade de medida’ o díspar ou elemento ‘discordancial’. Díspar: intensidade ou dissimetria produtora – sem isto não há signo” (2014, pp. 34-35). A ideia da discordância que subjaz ao signo é aqui fundamental, pois implica no estabelecimento de uma lógica das forças que estão sempre em disputa em sua constituição. Como o signo é produto e produtor de um encontro violento, sua constituição é sempre calcada na ideia de uma disputa, de forças que relacionam.

De maneira bastante sucinta, Sales expõe essa constituição do signo como compósito de forças que estão sempre em relação e em disputa:

Todo objeto é um signo, mas todo signo expõe um conglomerado de forças que se apoderam do objeto. As coisas não têm sentido em si, mas em função das forças que se apropriam delas e que constituem signos. Essas forças, múltiplas e variáveis, afirmam paradoxalmente a constelação potencial de sentidos que dizemos implicados nos signos. Produzir sentido é explicar, segundo as forças que se debatem, virtuais sentidos já envolvidos nos signos que se nos apresentam. (SALES, 2016, p. 235)

Há conflito tanto no processo de encontro violento com o signo quanto na própria gênese do signo: conflito fundamental entre forças que se apoderam do mesmo e fazem seu sentido variar historicamente. Não se trata aqui de uma comunicação entre sujeitos no sentido tradicional, mas de um processo de implicação e proliferação sîgnica baseada no conflito entre forças divergentes e dissonantes. Como diz Zourabichvili, “O sentido é divergência, dissonância, disjunção. O sentido é problema: 'acordo discordante', dissonância não resolvida” (ZOURABICHVILI, 2016, p. 67). Esse ‘acordo discordante’ é o que garante a comunicabilidade do signo em um território temporário de significação ao mesmo tempo que preserva sua potência em devir outro de acordo com as combinações de forças que podem vir a se apoderar dele. Deleuze nos informa que toda coisa ou todo signo é sempre produto de uma divergência, de processos de dominação, contágio e apoderamento. Comunicação, signo e violência aparecem pareados. Como afirma Zourabichvili, “A mais profunda ideia de Deleuze talvez seja precisamente essa: que a diferença é principalmente comunicação, contágio dos heterogêneos; em outros termos, a ideia de que uma divergência nunca explode sem uma contaminação dos pontos de vista” (2016, p.133). Não há um ponto de vista ao qual chegar, um acordo previsto a ser construído, mas estabilizações temporárias, contágios de heterogêneos, pontos de vista dissonantes.

4. Conclusão

Pensar um conceito de comunicação deslocado de uma concepção transmissionista ou que necessariamente implique a existência de uma dimensão intersubjetiva nos parece ser um desafio interessante para uma teorização contemporânea no campo da comunicação. Apesar dos notáveis esforços promovidos por correntes teóricas que há muito já fazem parte do cânone da área para dessubjetivar e dessencializar as categorias pelas quais entendemos a dinâmica comunicacional, notadamente o estruturalismo e a semiótica, julgamos que avançar nessas perspectivas criticamente pode contribuir para que o campo da comunicação atualize o seu alcance científico e especulativo.

As perspectivas aqui dispostas mostram, em nossa visão, caminhos produtivos que permitem a um só tempo alargar o escopo do conceito de comunicação em direção a uma dimensão ontológica e dar conta de processos e condições mapeáveis do ponto de vista científico, filosófico, sociológico e político.

Cabe lembrar que as condições de elaboração do saber são sempre ancoradas em regimes discursivos que definem, em maior ou menor grau, os parâmetros de desenvolvimento da nossa ação no mundo. Não por acaso há um firme liame que articula experimentações de ordem teórica com outros campos, como as artes, a política e a ciência. Não por acaso, eclosões acontecimentais da história do pensamento acompanham e são acompanhadas por efervescências sócio-econômico-culturais, como se pode observar nos paralelismos entre as vanguardas artísticas e o surgimento da semiótica, por exemplo. Tais fenômenos, como atestados pelos argumentos desenvolvidos nesse artigo, não são outra coisa que fenômenos comunicacionais, linhas divergentes que encontram uma ressonância acontecimental.

A noção de que a comunicação opera em um campo problemático, pré-individual e povoado por singularidades e diferenças de potencial, sendo ela própria responsável por produzir uma resolução problemática ou um acordo discordante, parece ser produtiva nesse sentido. Com Simondon, observamos a dimensão ontológica da relação entre relações, incitada por diferenças de potencial que escapam a um modelo hielomórfico comunicacional. Já com Deleuze, observamos o caráter intimamente agonístico pelo qual tais arranjos vêm a ser através de seu conceito de signo, demonstrando uma espécie de violência criativa que força o mundo a dar luz a si mesmo. Em vez de pensar as formas já constituídas, a semiogênese comunicacional deleuzo-simondoniana parte do divergente, do capenga, do mal e mal enjambrado – rascunhos que, no entanto, respondem por tudo que se pretenda bem acabado.

REFERÊNCIAS

- COMBES, Muriel. **Simondon**: una filosofía de lo transindividual. Buenos Aires: Cactus, 2017.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 4. São Paulo: Editora 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a Filosofia**. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 2013.
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. São Paulo: Graal, 2009.
- DELEUZE, Gilles. **Lógica do Sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- DELEUZE, Gilles. *O Método da Dramatização*. in. LAPOUJADE, David. **A Ilha Deserta**. pps. 129-154. São Paulo: Iluminuras, 2006.
- NASCIMENTO, Roberto Duarte Santana. **Teoria dos Signos no Pensamento de Gilles Deleuze**. Tese de Doutorado. Unicamp, 2014.
- SALES, Alessandro Carvalho. **Deleuze: Pensamento e Acordo Discordante**. São Carlos: EDUFSCAR, 2016.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SAUVAGNARGUES, Anne. **Deleuze: L'Empirisme Transcendental**. Paris: PUF, 2009.
- SIMONDON, Gilbert. **L'individuation à la lumière des notions de forme et d'information**. Grenoble: Éditions Jérôme Millon, 2013.
- TARDE, Gabriel. **Monadologia e sociologia** – e outros ensaios. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- ZOURABICHVILI, François. **Deleuze: Filosofia do Acontecimento**. São Paulo: Editora 34, 2016.